

## RESENHA

SÁ, André Corrêa de. *Ecofagias I – Portugal*. Lisboa: Gradiva, 2023.

### Dossiê:

Tramas dialógicas do  
cancioneiro brasileiro



### ORGANIZADORES:

María del Pilar Tobar Acosta



João Vianney Cavalcanti Nuto



**CERRADOS**  
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

v. 34, n. 67, abr. 2025  
Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



### FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 16/04/2025

Aceito em: 28/04/2025

### DISTRIBUÍDO SOB



Ana Clara Magalhães de Medeiros  

UnB-CNPq | [a.claramagalhaes@gmail.com](mailto:a.claramagalhaes@gmail.com)

“Uma casa é a coisa mais séria da vida” (Belo apud Sá, 2023, p. 269). O verso é de certo poeta português que viveu e escreveu no século XX, Ruy Belo, por quem André Corrêa de Sá, autor do livro *Ecofagias I – Portugal* (2023), nutre sincera admiração (como se apreende do penúltimo capítulo de seu livro, seção intitulada “Um país de poetas”). Quero acrescentar que o verso é como um axioma da obra a ser aqui analisada. A ideia de casa – de uma forma muito heterodoxa e criativa – orienta o conceito de *ecofagias* postulado no trabalho de Sá sobre a literatura e a cultura de Portugal. O autor, Professor Associado no Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, Estados Unidos, nascido e formado em Portugal, assume-se, desde o Prefácio da publicação, como um emigrante – repleto de *paisagens interiores*, que migrou para lecionar literaturas luso-afro-brasileiras na universidade onde anteriormente atuou Jorge de Sena.

O livro agora discutido trata, pois, de *casa*, a partir de um termo desenvolvido por Sá e ricamente analisado – mesmo que *in absentia*, explico em breve – nos doze capítulos que enformam a publicação. Cumpre frisar que o leitor tem em mãos um livro com projeto, isto é, não se trata de uma reunião de diversos artigos ou ensaios do professor, como tantas vezes se vê em coletâneas acadêmicas contemporâneas. Longe disso, *Ecofagias I* exhibe uma pesquisa densa, que refrata uma ideia pensada, com tese, antíteses e síntese profundamente debatidas, cuidadosamente ilustradas com exemplos da cultura portuguesa em pelo menos dez capítulos analíticos. A ideia central, como se pode supor, é a explicitada no título, assim delimitada pelo escritor na primeira página do livro:

a expressão *ecofagias* deve ser entendida justamente como uma referência a processos culturais que criam sentimentos de pertencimento ao que nos rodeia através do estabelecimento de analogias entre a experiência subjetiva e o mundo natural (Sá, 2023, p. 11).

Ocorre que tais *ecofagias* visam a desarticular “algumas das rotinas explicativas e das mitologias mais comuns” (Sá, 2023, p. 11) sobre Portugal, instaurando-se uma discussão inteligente sobre supostos ícones/símbolos culturais, fazendo emergir sentidos mais alargados para as noções de “casa”, “nacionalidade” e “cultura”. A “paisagem interior” (Sá, 2023, p. 12) de Portugal para André Sá é formada, sobretudo, por objetos literários, mas também discursivos, arquitetônicos, políticos, etc., dos séculos XIX e XX – o que já constitui material bastante abrangente para as 335 páginas do livro.

Antes referi a uma análise *in absentia*. Retomo a expressão por considerar que diz sobre um dos pontos mais altos da obra em questão: se “uma cultura é mais um modo de estar do que de ser” (Sá, 2023, p. 17), o autor da tese defende-a na prática, eximindo-se de definir o que o conceito de *ecofagias* “é”, ocupando-se antes em revelar onde tal conceito “está” nas letras, nas artes, na paisagem, nos discursos, nas formas culturais de Portugal. Isso me permite supor que as *ecofagias* não carecem de ser *definidas*, mas é muito produtivo para os estudos literários e culturais de nosso Milênio que elas venham a ser *encontradas*. Portanto, *in absentia* é o termo que uso para destacar o fato de que a palavra-título do livro “some” desde o capítulo 3 – “O nosso rio” – e somente retorna na penúltima página da publicação, quando do capítulo derradeiro – o de número 12 e original título “Confissões de um publicitário”. Neste jogo de encobrir e revelar um conceito, a leitura se mostra sumamente instigante e didática, de modo a que também nós possamos compor nossa “paisagem interior” portuguesa (à brasileira, em nosso caso).

O rio que corre na aldeia de André Sá tem qualquer coisa de semelhante ao rio que corre na aldeia de Alberto Caeiro. Isso porque ambos, crítico e poeta, autor real e autor fictício, consideram que o *rio da aldeia* é uma construção imagético-sensorial que merece ser vista e, mais do que isso, *vivida*, por aqueles que comungam de uma ideia de comunidade. Assim, o Douro ou o Tejo não correspondem à visão de “rios portugueses” para Sá e Caeiro. A estes autores corresponde muito mais a noção oceânica, fluvial, aquática que Ramalho Ortigão defende em seu *As praias de Portugal: Guia do banhista e do viajante*, de 1876. A comparação parece esdrúxula, por isso merece mais demorada explicação. No capítulo sétimo de *Ecofagias I*, “Dar praia às crianças”, Sá ensina que o curioso manual oitocentista de Ortigão dá “testemunho de que é possível imaginar [em Portugal] uma relação com o mar que não passe pelo heroísmo das ‘descobertas’” (Sá, 2023, p. 129). No referido texto, Ortigão defende, para a boa saúde, que se recorra a tratamentos com água salgada. Para tanto, sugere o investimento em férias de verão nas melhores praias portuguesas. Ou, se possível, ao menos o banho no rio mais próximo de sua casa. Finalmente, para os apartados de corpos de água na localidade onde vivem que não dispõem de recursos para viagens, o prosador recomenda envolverem-se num simples lençol encharcado de água acrescida de sal de cozinha. Quero, com toda essa discussão, explicitar como é criativa e potente a constatação de Sá, no que se refere a perceber um antídoto às narrativas talassocráticas lusas: uma relação mais afetiva, intimista – e por que não dizer curativa – com o mar.

Por um tal exemplo, já se pode notar como o livro de André Sá dismantela imagens tradicionalmente associadas à dita “portugalidade”. A expressão “viver habitualmente” (que remonta ao salazarismo), a palavra saudade (obsessão de Teixeira de Paçoas), o atum do Algarve ou Camões e o seu “país de poetas” são tensionados no sentido de explicitar como eles não comportam, em si, a “comunidade nacional” portuguesa. O “caráter idiossincrático da vida nacional” (Sá, 2023, p. 270), em desuso, deve ceder espaço à ideia de nação como casa: “o sentido de um país é o modo como cada pessoa vive nele, não o que uma nacionalidade realmente *significa*” (Sá, 2023, p. 273).

Vamos, assim, percorrendo alguns itens da cultura lusitana que são reinterpretados ou repensados à luz da noção de “ecofagias”, sem que a palavra esteja ali exaustivamente definida ou explicada. Também, à medida que o livro progride, vamos compreendendo as *ecofagias* “enquanto espaço de produção de uma identidade cultural” que “contribuem para o modo como os membros de uma determinada comunidade sentem que existem no mundo, e que o mundo existe neles” (Sá, 2023, p. 24). Os nove “casos-estudo” (Sá, 2023, p. 33) da obra são habilmente sintetizados nos títulos dos nove capítulos centrais da discussão: (3) O nosso rio; (4) A sorte de viver em Portugal; (5) Viver habitualmente; (6) A vida na aldeia; (7) Dar praia às crianças; (8) Não dar o corpo pela alma; (9) Uma Casa Portuguesa; (10) O feitiço contra o feiticeiro; e (11) Um país de poetas.

Por entre essas *passagens* (benjaminianas, por vezes) percorremos o cinema de Manoel de Oliveira, a prosa de Miguel Torga, as crônicas de Miguel Esteves Cardoso, o campo de Júlio Dinis, uma vasta literatura pastoral, a “política do espírito” de António Ferro, as casas portuguesas de Raul Lino, os romances de um “mundo agreste e exausto” (Sá, 2023, p. 179) por Carlos de Oliveira, o criticado (e criticável) luso-tropicalismo de Gilberto Freyre, além da poesia de António Nobre, Ruy Belo, Alexandre O’Neill, da lucidez de Agustina Bessa-Luís e da ironia de Adília Lopes. Por fim, um professor português que emigrou para os Estados Unidos, chamado André Corrêa de Sá, discorre, muito sinceramente, no capítulo derradeiro (10), sobre relações de alteridade e diáspora no cotidiano pedagógico. Tudo isso compõe o caleidoscópico livro que quase tece uma história da literatura e da cultura portuguesas, não fosse essa uma pretensão definitivamente superada pelo modo muito mais didático que agora se apresenta de contar e meditar sobre a matéria artística e discursiva que usualmente associamos a “Portugal”.

Cabe, finalmente, explicitar o sentido do algarismo I, no título da obra. O item, à primeira vista, “dá a surpresa de ser” (o verso é de Fernando Pessoa ortônimo). O “I” diz respeito a um projeto maior, de um intelectual de fôlego, que almeja debruçar-se sobre as vastas paisagens da língua portuguesa, considerando-se as experiências de Portugal (o volume sobre o qual discutimos), mais ainda do Brasil e dos países africanos de Língua Portuguesa. Ficamos, portanto, à espera dos volumes II e III, que, certamente, seguirão dando, à nossa língua, esta surpresa de ser: casa, a coisa mais séria da vida.